

“Já comecei a lê”¹

Débora Clasen de Paula
UNISINOS/CNPq

Resumo: As cartas de Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel para sua filha nos revelam que a leitura de livros, jornais e revistas era uma prática constante entre as escreventes. A condição social privilegiada de Amélia e de sua família foi referida constantemente nas colunas sociais da imprensa pelotense do final do século XIX e início do século XX. Desta forma, o cruzamento das fontes – cartas e jornais - foi extremamente proveitosa para analisar as leituras realizadas pelas personagens, bem como perceber como esta via a si e a família na imprensa.

Palavras-chave: cartas, jornais, leitura

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel – a Baronesa de Três Serros – escreveu um total de cento e cinquenta e uma cartas, no período compreendido entre 1885 e 1918. A maioria delas foi remetida por Amélia após sua viuvez e transferência para o Rio de Janeiro e teve como destinatária a filha mais velha Amélia Aníbal Hartley Maciel, mais conhecida como Sinhá, que permaneceu em Pelotas (RS), morando no solar da família.

O vai e vem das missivas de Amélia pelos vapores eram acompanhadas de livros, almanaques, revistas e jornais. Nossa escrevente era também uma leitora e, através de suas cartas, podemos espreitá-la, comentando assuntos publicados nos jornais, bem como mencionando a existência de uma biblioteca. Amélia também nos revela uma prática, a de fazer circular o material impresso que chega a suas mãos. Mais do que informar sobre o que ela lê ou envia e recebe para ler, essa prática evidencia uma atribuição de importância à leitura. Maria Helena Bastos comenta que, na segunda metade do século XIX, período que

¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918. Optamos por manter a grafia original das cartas de Amélia. Este artigo, com algumas alterações, integra o terceiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada: “*Da mãe e amiga Amélia*”: cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX) defendida em 15 de abril de 2008 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – e contou com financiamento do CNPq.

Amélia estava se alfabetizando, houve um crescimento no número de escolas femininas, escolas públicas, mercado editorial de livros e periódicos, gabinetes de leitura e bibliotecas e também do público leitor masculino e feminino².

Há, entre as coisas lidas, uma circulação, pois jornais e revistas do Rio de Janeiro são remetidos para a família em Pelotas e desta para o Rio de Janeiro “Por um dos ‘Correios Mercantis’ que me mandastes, sube que o Juca do Arthur, tinha voltado com o Leopoldo: porque foi?”³. Amélia mantinha-se a par sobre o que acontecia em Pelotas e também informava a família sobre o que acontecia no Rio de Janeiro. Ao enviar os jornais, ela nos informava sobre o que provavelmente a filha gostava de ler no jornal remetido: “Remetto jornais. Tens apreciado os versinhos do Seabra?”⁴. Aliás, este gosto por versos era, aparentemente, compartilhado com a filha: “‘O Carteiro de Momo’ fez uma esplendida distribuição de versos. Parece que o ‘Pitta’ foi o poeta; pelo menos, o que diz, que a lua vem nascendo, redonda como um botão, é d’elle, com certeza.”⁵.

Assim, ao final de suas cartas ou em um “P. S.”, ela escrevia algumas linhas sobre os jornais que estava enviando e a quem se dirigia: “Envio por segunda vez, os Correio da Manhã, e outros jornaes illustrados, para Lourival se entreter. Manda depois, os ultimos para Talú e Alzira verem”⁶. Talú, ao que parece, era apreciadora dos jornais caricatos, “remette o que fôr para Talú; a quem envio tambem jornaes caricatos.”⁷.

O hábito de se enviarem jornais, após terem sido lidos, não só para familiares como para conhecidos, e o fato de a família pertencer a um seletto grupo de pessoas que costumeiramente fazia parte das colunas sociais nos jornais pelotenses, amenizavam a apreensão de Amélia com a falta de cartas da filha:

² BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). In: *Revista Portuguesa de Educação*. Vol. 15, nº 002, Braga: Universidade do Minho, 2002, p. 171.

³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1903.

⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1903. Seabra, provavelmente, chamava-se Bruno Seabra, um literato que havia integrado, juntamente com Machado de Assis e outros escritores, o jornalzinho *A Marmota na Corte*, de Francisco de Paulo Brito. Mais do que tratar de literatura, o jornal havia se configurado como um ambiente onde eram discutidos diversos assuntos. Veja-se, MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 63.

⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.

⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903. Alzira e Isabel (Talú) eram filhas de Amélia e Lourival era um de seus genros, casado com Sinhá.

⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1909.

Por minha vez estava disposta a telegraphar-te, quando a Florinda, e a Maria José que aqui estavam, me disséram, que moléstia, com certeza não era o motivo, porque tinham lido na “Opinião Publica” d’ahi, a descripção de uma fésta em casa da Candóca, que vocês tomaram parte: então fiquei mais animada. Depois ellas me mandaram o jornal, apreciando eu mt.º a – “Senhorita Zilda!”⁸

Ao analisar a atitude de Amélia de enviar jornais, revistas e almanaques, percebemos que estes estão distribuídos diferentemente entre a parentela. Há por parte de Amélia uma preocupação em inserir também os netos na leitura. Desta forma, a neta Déa de oito anos recebia o “Almanak do TicoTico”⁹; “Diz-lhe tambem, que tirei a pagina do concurso do Tico-Tico que vai para fazer, e mandar em nome d’ella, porque tem mt.ºs premios bons.”¹⁰; “Mozart, e Delmar, teêm gostado das revistas que lhes tenho mandado? E os outros jornaes caricactos, tem chegado com regularidade?”¹¹. Entretanto, não somente a avó estimulava os netos à leitura, como esta parecia ser também uma prática comum à família: “O Rubens tem recebido as ‘Revistas das Semanas’. Só lhe mando esta, porque suppôngo, que não compram ahi.”¹².

No que concerne à leitura dos jornais, podemos dividi-los em dois grandes grupos: os noticiosos e os espíritas. Figuram entre os noticiosos, os jornais do Rio de Janeiro, Correio da Manhã, Jornal do Comércio, Gazeta, O Paiz, Jornal do Brazil e A Tribuna, além dos jornais que ela chama de ilustrados e caricatos.

Constata-se que ao enviar os periódicos do Rio de Janeiro, Amélia não visava somente a informar a família sobre os acontecimentos políticos e de maior destaque na capital da República – com a finalidade de manter a distinção social/familiar –, já que, em alguns momentos, ela se utiliza dos jornais para corroborar os assuntos que comenta nas cartas:

⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909. Zilda é uma das netas de Amélia filha de Sinhá.

⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

¹⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917. A revista Tico-tico foi “o marco da imprensa infantil: sua primeira edição data de 11 de outubro de 1905”. Segundo Mayra Fernanda Ferreira, essa revista, “organizada em bases racionais [...] tornou-se leitura para crianças por mais de meio século”. FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo infantil: por uma prática educativa. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de agosto – 02 de setembro, 2007, Disponível em <<http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R0769-1.pdf>>. Acessado em 13 de novembro de 2007.

¹¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1918. Os netos Mozart e Delmar tem respectivamente 13 e 11 anos.

¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1909.

“Hontem á noite, houve aqui um temporal medonho. Remetto-te a Gazeta que traz a descrição do mesmo.”¹³.

Em carta de 1909, ela refere que se utilizou da fonte jornalística para encontrar uma casa para alugar: “Neste momento porem, acabo de receber [...] uma carta, offerecendo-me uma casa na rua Voluntarios da Patria, que diz, estar nas condições do meu annuncio”¹⁴. Na correspondência mantida durante este ano, constata-se que o jornal também tinha como função respaldar o que ela escrevia à filha, sobretudo em relação à dificuldade de encontrar boas casas: “Ha casas aqui, que andam annunciadas á mt.º tempo (como verão vocês, pelo J. do Commercio) e que não se alugam, apesar da grande procura que ha;”¹⁵.

Amélia não deixa de inquirir a filha sobre o recebimento dos jornais por ela enviados: “Tenho mandado os jornaes caricatos, do Commercio, e o Polichinello. Recebem?”¹⁶; “Lourival tem apreciado os jornaes?”¹⁷. Em vários momentos, revela-se uma profunda conhecedora do que o genro gostava de ler: “Diz á Lourival que d’esta vez lhe mandei tambem a ‘cidade do Rio’ porque sei que elle gosta da prósa do Patrocínio, e elle agora está escrevendo, dizem, que bons artigos contra o Murtinho, Alcino Guanabara. Isto por cá, parece não andar bem.”¹⁸.

Cabe ressaltar que mais do que evidenciar que ela conhecia o gosto do genro pela política, o envio desses jornais nos revelam seu conhecimento sobre as diferentes tendências políticas dos jornais:

Aqui tambem, o povo está indignado com a tal candidatura, como verás pelos jornaes. Tenho manda sempre a Gazeta, e o Jornal do Brazil, q. tratam da politica actual; trazendo bons artigos, e sei que Lourival aprecia estas cousas. Diogo também tem mandado a “Tribuna” para Lourival; elle tem recebido? Esta, é toda Hermes!¹⁹

¹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 1918.

¹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

¹⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1909.

¹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.

¹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

¹⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1899.

¹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1909.

Este material impresso que Amélia enviava aos familiares era acompanhado de pequenos presentes que comprava para a família. Ao contar a filha sobre uma roupinha que havia comprado para o neto Lourival, Amélia expõe a forma inusitada do pagamento: “Comprei-a e sabes com que a paguei, com o recibo da assignatura do O Paiz! Assigna-se o jornal e com o recibo compra-se o que se quer.”²⁰. Com esta informação, tivemos acesso à denominação do jornal que Amélia assinava no Rio de Janeiro. O jornal O Paiz, assim como o Jornal do Comércio e, possivelmente, inúmeros outros, traziam em suas páginas notícias referentes ao Espiritismo. A particularidade do jornal O Paiz residia no fato de ter contado, dentre seus colaboradores, com o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante, espírita declarado desde 1886. Bezerra de Menezes foi responsável pela coluna “Estudos Filosóficos”, publicada no jornal entre os anos de 1886 e 1893²¹ e, no ano seguinte, passou a presidir a Federação Espírita Brasileira (FEB), cargo que ocuparia até sua morte, em 1900²². Neste período, Amélia já se encontrava residindo no Rio de Janeiro.

De Pelotas, como informava Amélia, a filha remetia “jornaes, e revistas”²³. Entre os jornais são mencionados o Correio Mercantil e o A Opinião Publica, com ênfase para este último. Os comentários de Amélia nos fornecem pistas sobre o que ela lia, preferencialmente, nesses jornais: “Com os meus jornaesinhos, veio a ‘Opinião’ que traz a descrição do casamento da Nenê, que, realmente foi um casamento principesco!”²⁴; “Vejo pelos jornaes d’ahi, que se estão organizando grandes fêstas, exposições, sendo a Mercêdes uma das da comissão organisadôra.”²⁵. A vida social ocupava lugar de destaque no jornal Opinião Publica e, considerando que a família Antunes Maciel era seguidamente referida por suas viagens, aniversários ou festas, entendemos o porquê do envio do jornal. Além disso, como refere Beatriz Loner, fundado em 1896, e sobrevivendo a inúmeras trocas de direções, o jornal havia se convertido em um “órgão tradicional, incorporado aos costumes da cidade – entre eles o de

²⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1909.

²¹ COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas*. São Paulo/Salvador: Editora Comenius e IDEBA, 1998, p. 57-62. Dirigido por Quintino Bocaiúva, o jornal foi fechado com a Revolta da Armada, em 1893.

²² Id. Ibid.

²³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

²⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

²⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1903. Percebe-se que Amélia apropria-se, no sentido dado por Roger Chartier, do conteúdo do jornal, a partir de seus interesses de leitura, que eram determinados pelas práticas sócio-culturais nas quais se encontrava inserida.

ler o jornal”²⁶. Amélia, ainda tomada pela euforia em relação aos festejos do carnaval de 1917, quando a neta havia sido rainha pelo Clube Diamantinos, manifesta sua ansiedade em relação ao que seria comemorado em 1918: “Estou ansiosa pelos jornaes d’ahi, para lêr as festas carnavalescas.”²⁷. Entretanto, o clima carnavalesco a decepcionou, fazendo-a comentar que “Vejo não só por tua carta, como pelos jornaes, que o carnaval ahi, foi mt.^o inferior ao do anno passado. Isto não me surprehende, porque era de esperar.”²⁸. O comentário de Amélia pode ser justificado pelo acirramento da Primeira Guerra Mundial que trouxe dificuldades econômicas – que acabaram por prejudicar a confecção dos carros alegóricos – e determinou que dos dois clubes carnavalescos representantes da elite pelotense – Diamantinos e Brilhante – o último optasse por não desfilar²⁹.

Mas seu olhar não se circunscrevia exclusivamente à coluna social. Amélia voltava sua atenção para as notícias em destaque. Durante vários meses o jornal *A Opinião Pública* trouxe diariamente em suas páginas o chamado “Processo Ramos”, relativo às fraudes cometidas pela firma Ramos & C. Assim noticiou o jornal, “Continua hoje a phase publica do processo crime que a justiça move aos srs. Antonio e Álvaro Ramos e Dr. Carlos Ferreira Ramos, sócios da firma Ramos & C.”³⁰. Através desse mesmo jornal, sabe-se que um dos réus encontrava-se preso e através de seu advogado, Francisco Maciel Junior, solicitava *habeas corpus*. Amélia, sabedora das diferenças entre seu finado marido e um dos acusados, escreveu à filha, “Tenho acompanhado todo o processo Ramos (pelos jornaes, bem entendido) e ainda uma vez vemos confirmadas as palavras do Christo: ‘Quem com férrô fére, com ferro será ferido’!”³¹

Ao longo dos anos, a remessa de jornais foi prática mantida também por Sinhá, que não somente os enviava para serem lidos pela mãe, como também pelo seu filho Rubens. Através de carta de Amélia, inferimos que Rubens dedicava pouco ou nenhum tempo à leitura de jornais: “Não te encommodes a mandar jornaes, a não ser quando tragam alguma cousa que nos interesse, como o que diz respeito a nossa Zilda, Diamantinos, porque o Rubens diz

²⁶ LONER, Beatriz Ana. Jornais pelotenses na República Velha. In: *Ecos Revista*. Pelotas: UCPel, vol. 02, nº 1. Abril de 1998. p. 14.

²⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1918.

²⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1918.

²⁹ BARRETO, Álvaro. *Dias de Folia*. O carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2003, p. 68.

³⁰ *Jornal A Opinião Publica*. Pelotas, 26 de setembro de 1903. N. 222. p. 02.

³¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1903.

que não tem tempo para os lêr, e que já te havia pedido para não mandar.”³². Mas, passadas algumas semanas, a Baronesa reconsiderou sua afirmação numa nota final: “Em minha ultima, disse-te que não mandasses mais os jornaes, isto porque o Rubens não os lia; mas agora, dou o dito por não dito, e peço-te que continúes a mandar, pois nós lemos, e depois mando para as Candiótas, que são apreciadoras”³³.

Entre os jornais citados por Amélia havia um que dedicava-se a assuntos sobre moda:

Logo q. esta recebas manda comprar um n.º (dos ultimos) do jornal de modas, ‘A Estação’ e remette-me pelo correio caso ainda demores. Isto é apenas, para provar o que digo. Quis comprar aqui, um n.º d’esse jornal, e em todas as casas em que Diogo foi procurar diziam: não existe este jornal em portuguez; só há em francez – ‘La Saison’.³⁴

Encontravam-se também entre suas leituras os livros e jornais espíritas, que Amélia, contudo, não nomeia. Depreende-se que era uma leitora habitual destes, pois em uma das cartas escritas durante o período em que permaneceu em Curitiba, escreveu em um “P. S.”: “Manda-me os jornaes espiritas que ahi tenho ido, para mim.”³⁵. Sinhá parece ter prontamente atendido ao pedido da mãe, que informa em carta posterior: “Recebi os jornaesinhos”³⁶, reafirmando o recebimento em outra carta: “Tambem já está aqui o caixão das línguas, que tem sido mt.º apreciadas; assim como os jornaesinhos spiritas.”³⁷. Cabe a pergunta: que “jornaesinhos” Amélia poderia estar lendo naquele momento?

Sabe-se que em 1903, no Rio de Janeiro, circulava o jornal Reformador, posteriormente órgão oficial da Federação Espírita, fundado em 1883³⁸. De acordo com Colombo, o Reformador, “mensário religioso do Espiritismo cristão”, publicou, em dezembro de 1903, notícias relativas a perseguições contra espíritas, chegando a referir o espancamento

³² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1917.

³³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1917.

³⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de março de 1910. A Biblioteca Publica Pelotense não dispõe de nenhum número deste jornal.

³⁵ Carta da Baronesa. Curitiba, 07 de agosto de 1903. A frase de Amélia dificulta nossa interpretação. Ela tanto poderia ter querido dizer “que aí tenho”, com o sentido de ter guardado, como “que aí têm ido”, ou seja, jornais que estavam sendo remetidos para a casa de Sinhá.

³⁶ Carta da Baronesa. Curitiba, 19 de agosto de 1903.

³⁷ Carta da Baronesa. Curitiba, 03 de setembro de 1903.

³⁸ COLOMBO, Cleusa Beraldi. Idéias sociais espíritas... op. cit., p. 57.

e apedrejamento de seguidores³⁹. Colombo faz referência a fundação de dois outros jornais, O Eco d'Além Túmulo, criado em 1869, e O Clarim, fundado em 1905. Porém, é a revista argentina La Verdad, abordada posteriormente, que nos informará, ao noticiar os jornais recebidos, a existência de outros jornais espíritas em circulação no período: “ – “Aurora Espírita”, Pernambuco, [...] “Verdade e Paz”, Maranhão. – Luz Mental. – “Tribuna Espírita”, Rio de Janeiro. [...] “Aurora”, Pontal, (Brasil) [...] “A Revelação”, Pará [...] “O Espiritualista Moderno”, Rio de Janeiro. – “O Semeador” Parintins, (Amazonas).”⁴⁰.

Além de seus jornais, Amélia também possuía livros e folhetos, que eram guardados de maneira organizada e à chave: “mas a chave está com a do meu armario dos livros, e que te entreguei.”⁴¹. Anos depois, em julho de 1909, ela escreveu dizendo precisar de alguns livros, descrevendo com detalhes para a filha a localização destes na estante: “Como me estão fazendo aqui mt.^a falta, alguns dos meus livros espíritas peço-te para me mandares o mais breve que puderes, todos os que se acham no meu armario, mas na 3.^a prateleira, os outros, não precisa.”⁴²

A fim de frisar que eram apenas os livros da “3.^a prateleira”, ela sublinha o termo e, para não incomodar a filha, sugere que esta peça à D. Eulália, costureira da casa, que suba até o sótão para pegá-los. Amélia pediu à filha que colocasse tudo em uma caixa pequena, que deveria ser entregue aos cuidados do Chico para que este então lhe remetesse.

Amélia costumava, como se depreende de suas cartas, emprestar livros, porém, tinha dificuldades para reaver os livros que emprestava. Assim, em carta de julho de 1909, ao enviar lembranças a várias pessoas, entre elas, Julinho, escreveu: “(este, si te fallar nos livros meus, que estava lendo, diz-lhe que tens ocasião de me mandares agora, que elle t’os póde entregar. Esses livros, me são muito necessarios, mas não quero mandar pedil-os)”⁴³. No mês seguinte, Amélia retornou ao assunto: “Julinho não te fallou nos meus livros?”⁴⁴. Passado algum tempo, ela recebeu os livros que havia emprestado a Julinho, porém, detectou a ausência de um, que já não tinha certeza para quem havia cedido para leitura:

³⁹ Id. Ibid., p. 59.

⁴⁰ Revista La Verdad. Buenos Aires, 1º de janeiro de 1908. Nº 33, p. 333

⁴¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

⁴² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.

⁴³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1909.

⁴⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909.

Os livros que tio Costa te entregou, são justamente, os que estavam com o Julinho. Falta-me a obra – ‘Do Paiz da Luz’ que emprestei ahi, não sei si mesmo a tio Costa, ou si ao Ovídio Baptista. Ao primeiro, não toques n’isso, mas ao segundo podes perguntar, dizendo-lhe, que é unicamente para saber com quem está: são 2 volumes.⁴⁵

Cruzando os dados obtidos nas cartas da Baronesa com o *Nobiliário Sul Riograndense* e com os dados trazidos pela monografia de Silvia Moraes⁴⁶, podemos inferir que, muito provavelmente, o “tio Costa” a que Amélia se referiu seja seu cunhado Francisco Antunes Gomes da Costa que também havia alcançado o título de Barão de Arroio Grande⁴⁷. De acordo com Moraes, o Barão de Arroio Grande “Tinha gosto apurado pela poesia e letras, tendo fundado a revista Araribá, considerada a segunda revista literária surgida no Rio Grande do Sul”⁴⁸. Em relação a “Julinho”, de quem Amélia cobrava a devolução de seus livros, era José Julio de Albuquerque Barros, filho do Barão de Sobral e neto do Barão de Arroio Grande, portanto, ambos pertenciam à família de seu falecido marido Aníbal.

A residência fixada no Rio de Janeiro ampliava as possibilidades de acesso a livros tanto para Amélia, quanto para a família, principalmente para Sinhá, que parecia compartilhar com a mãe o gosto pela leitura. Em dezembro de 1917, Amélia comentou sobre um livro solicitado por Sinhá: “Depois de correr todas as livrarias, Diogo foi encontrar em uma – manhosa- o livro que podes, em segunda mão. Por alguns trechos que li, deve ser realmente mt.º bom. O seu custo foi de 2,500.”⁴⁹. Duas cartas depois, embora não se possa precisar se estava fazendo referência a este livro comprado no Rio, Amélia escreveu: “Quanto ao livro, ‘Abaixo ás Armas’, tens realmente razão: eu é que não compreendi, apesar de nunca lêr as tuas cartas ás préssas, mas ao contrario, as relêr mt.^{as} vezes. Já comecei a lêr, e na verdade, parece q somos nós, que o escrevemos!”⁵⁰.

⁴⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1910.

⁴⁶ MORAES, Sílvia Beatriz Pierebom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses ...* op. cit.

⁴⁷ Id. Ibid.

⁴⁸ MORAES, Sílvia Beatriz Pierebom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses ...* op. cit.

⁴⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1917. Interessante destacar que neste período em que Amélia escrevia suas cartas, o Rio de Janeiro possuía já um grande número de livrarias. De acordo com Machado, em 1850, o Rio de Janeiro já contava com 15 livrarias situadas, sobretudo, nas melhores ruas como a Rua do Ouvidor e da Quitanda. MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo...* op. cit., p. 55.

⁵⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

O livro *Abaixo as Armas*, como pode-se perceber, havia sido lido por Sinhá, que o indicava para a mãe. A obra de Bertha de Suttner, que parece ter agradado às duas leitoras, deve ter chegado ao conhecimento de Sinhá pela imprensa pelotense, que assim o anunciou em 1916:

Novidade Sensacional

Abaixo as Armas!

Die Waffen Nieder

Obra laureada com o premio Nobel em 1905

Por Berta de Suttner

Traduzida em muitas línguas, e publicada com grande sucesso na Alemanha e na Áustria

A obra é de toda a actualidade

-1 vol. 3\$000

Livraria Universal

Echenique & C.

Pelotas e Rio Grande⁵¹

Conforme o anúncio, a obra remetia à atualidade, marcada inegavelmente pelos efeitos da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Talvez tenha sido esta – ocorrência do conflito mundial – a motivação de Amélia para “agora” – 1918 – ter “maior oportunidade” de lê-la:

Tem agora, a maior oportunidade, e déve ser lido por todos estes entusiastas da guerra, que nem admitem, a menor observação contra ella. Pobre mocidade, que tudo esquece, para correrem ao – matadouro! Mas Deus é infinitamente misericordioso, e ha de ouvir as supplicas d’aquellas que como nós, só lhe rôgam a paz! Tem fé, minha bôa filha, que o nosso Brasil, e as outras nações, que não tomaram ainda parte na guerra, serão poupadas á essa horrivel carnificina!⁵²

⁵¹ Jornal *A Opinião Publica*. Pelotas 08 de julho de 1916. N. 154. p. 04.

⁵² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

O livro *Abaixo as Armas*, sobre o qual Amélia comenta que “parece q somos nós, que o escrevemos”, trata-se de um romance escrito pela Baronesa Bertha de Suttner. Narrado na primeira pessoa, o livro conta, ao longo de suas 360 páginas, a vida de Martha Althaus e as tragédias que lhe sucederam em decorrência das guerras⁵³. Já nas primeiras páginas, a escritora diz: “É a história que infiltra e desenvolve na juventude a admiração pela guerra, quem inculca á crença, desde tenra idade, a ideia de que o ‘Deus dos Exercitos’ decreta as batalhas”⁵⁴. Esta idéia parece ter sido corroborada por Amélia, ao fazer a exclamação: “Pobre mocidade, que tudo esquece, para correrem ao – matadouro!”⁵⁵.

A obra, de caráter nitidamente antimilitarista, estava em consonância com o pensamento pacifista de Amélia e Sinhá – que também se evidencia em outros momentos de agitação política e social interna no Brasil, como registra Amélia nesta passagem:

Em compensação, a D. Política, tem se encarregado de trazer este pobre povo, em continuo sobresalto, receiando sempre o dia de amanhã. Que estas apreensões, não são despidas de fundamento, tivemos a próva no dia 31, com as eleições! Das janellas do Hotel, assistimos a fórte tiroteio na porta da Bibliothéca Nacional! Imagina agora, o que será a eleição de Março!⁵⁶

Além do pensamento pacifista, mãe e filha também compartilhavam leituras semelhantes. Porém, em suas leituras, as apropriações se davam de forma diferente uma vez que, conforme Chartier, “a leitura como um espaço próprio de apropriação jamais” é “reduzível ao que é lido”⁵⁷. Se, por um lado, há a intenção do autor em exprimir um pensamento e tentar condicionar a sua recepção, expressa também na disposição gráfica do texto, por outro, há o espaço de apropriação feita pelo leitor. Torna-se por isso interessante, a fim de analisar a recepção do livro por parte das duas leitoras, a seguinte afirmação de Bourdieu: “entre os fatores que predisõem a ler algumas coisas e a ser ‘influenciado’, como

⁵³ SUTTNER, Bertha de. *Abaixo as armas!* Tradução Ernesto Alves. Rio de Janeiro: Flores e Mano editores. 3ª edição Sd. p. 06. A autora foi a primeira mulher a receber um Prêmio Nobel de Literatura.

⁵⁴ SUTTNER, Bertha de. *Abaixo as armas!*... op. cit., p. 07.

⁵⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

⁵⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

⁵⁷ Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. A leitura: uma prática cultura. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 243.

se diz, por uma leitura, é preciso reconhecer as afinidades entre as disposições do leitor e as disposições do autor.”⁵⁸.

Martha, a personagem do livro, havia perdido o marido em uma batalha pouco tempo depois de ter se casado, ficando com um filho ainda pequeno. Ao lermos o comentário de Amélia sobre o livro – “parece q somos nós, que o escrevemos” –, parecem evidentes as aproximações que ela fez com a sua vida. Também ela, logo após ter se casado, veria seu marido Aníbal participar de uma guerra, a do Paraguai. Os ferimentos resultantes do envolvimento no conflito o levaram a uma morte prematura aos 49 anos, deixando Amélia viúva e com filhos ainda pequenos.

Assim, a leitura era um hábito cotidiano de Amélia. As cartas, jornais e revistas satisfaziam à necessidade que sentia de ter informações sobre o universo das relações familiares e sobre a vida política, social e cultural brasileira. Amélia demonstrava, ainda, interesse pelo lançamento de produções literárias, pelas descobertas mais recentes da ciência e pelos novos hábitos e modas européias expostas nas lojas cariocas.

Bibliografia

BARRETO, Álvaro. *Dias de Folia*. O carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2003.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). In: *Revista Portuguesa de Educação*. Vol. 15, nº 002, Braga: Universidade do Minho, 2002. p. 169-214.

COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias sociais espíritas*. São Paulo/Salvador: Editora Comenius e IDEBA, 1998.

Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. A leitura: uma prática cultura. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo infantil: por uma prática educativa. *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos, 29 de agosto – 02 de setembro, 2007, Disponível em <<http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R0769-1.pdf>>. Acessado em 13 de novembro de 2007.

LONER, Beatriz Ana. Jornais pelotenses na República Velha. vol. 02, nº 1. In: *Ecos Revista*. Pelotas: UCPel, Abril de 1998.

⁵⁸ Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier... op. cit., p. 244.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MORAES, Sílvia Beatriz Pierebom. *Os casamentos entre descendentes de nobres pelotenses na segunda metade do século XIX*. Pelotas: UFPel, 1997. (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História).

SUTTNER, Bertha de. *Abaixo as armas!* Tradução Ernesto Alves. Rio de Janeiro: Flores e Mano editores. 3ª edição Sd.